

DEFICIÊNCIA E A APROPRIAÇÃO DA LINGUAGEM: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Eixo 3 - Avaliação e (re)habilitação neuropsicológica

Marina Marcelino Santos; UNIVAP/SP; *marinamarcelinoaulas@gmail.com*

Ana Paula Xavier Marques da Cruz; UNIVAP/SP; *ana.pxavier@outlook.com*

Vinícius Braga Mendonça; UNIVAP/SP; *vi.academic2020@gmail.com*

Bruna Mares Terra Candido; UNIVAP/SP; *brunaterra@univap.br*

INTRODUÇÃO

O presente resumo busca articular os aspectos relacionados às limitações biológicas de pessoas com deficiência e a teoria Histórico-Cultural, uma vez que esta ressalta a importância da apropriação da cultura e da linguagem para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores. Entende-se que estudos acerca desta temática são de fundamental importância para que se possa repensar as práticas educacionais atuais, tendo um olhar menos patologizante e que ressalte as potências dos sujeitos. A importância deste estudo também se dá no confronto de ideias ascendentes no contexto atual da institucionalização e educação paralela de crianças com deficiência.

Dentre as teorias vigentes à época da fundamentação da perspectiva histórico-cultural, Vigotski vem de encontro às teorias que ganhavam destaque (PADILHA, 2018), e foi apontado por estas, por um longo tempo, que quando o indivíduo tinha uma deficiência, poderia estar condenado a não se desenvolver ou a desenvolver-se em apenas alguns aspectos — como sugere, por exemplo, a teoria piagetiana, que coloca a aprendizagem como um processo posterior ao desenvolvimento. Dessa forma, ‘aprender’ dependeria dos resultados do desenvolvimento — a maturação biológica viria primeiro, e a aprendizagem a seguiria.

Em contraposição a essa ideia de maturação biológica, buscaremos explicitar, neste estudo, que as limitações orgânicas que se relacionam com a apropriação da linguagem não configuram, por consequência, a limitação desta — mas sim, se apresenta como potência para um desenvolvimento embasado em outras alternativas. A denominada ‘visão deficitária da deficiência’ (STETSENKO; SELAU, 2018) coloca a possibilidade do desenvolvimento da criança com deficiência como limitada quando não se tem o aparato biológico dentro do padrão esperado pela cultura, e ressalta uma proposta de mudança na educação quando põe que o método tradicional somente fortalece esta ideia inicial: “a tarefa não é tanto a educação de



crianças cegas e sim a reeducação dos que enxergam” (VIGOTSKI, p. 63 apud STETSENKO; SELAU, 2018, p. 318). Desta forma, a ideia defendida será a do potencial da educação inclusiva como mediador essencial, que traz a possibilidade do desenvolvimento das funções psíquicas superiores por crianças com deficiência caminhando por vias colaterais e novas possibilidades.

METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão integrativa de literatura das publicações nacionais as quais abordavam temáticas relacionadas à educação inclusiva e ao desenvolvimento de pessoas com deficiência a partir da teoria Histórico-Cultural, utilizando como palavras-chave: desenvolvimento, pessoa com deficiência, linguagem e educação. Para o levantamento de publicações foi feita uma busca eletrônica livre em diferentes bases de dados, sendo estas: BVS, PePsic, Scielo e Fiocruz.

Das trinta e sete publicações encontradas, quinze foram selecionadas a partir da leitura prévia de seus resumos, tendo como critério de exclusão a não aderência à teoria Histórico-Cultural e/ou a falta de sentido para com o objetivo do trabalho. Apesar da leitura de todos os textos selecionados terem colaborado de modo significativo para a construção do olhar sobre a problemática proposta, apenas os textos que foram citados no corpo do trabalho foram adicionados às referências do resumo, dado o embasamento teórico necessário para a fundamentação do estudo.

DESENVOLVIMENTO

Com embasamento marxista, que coloca a natureza do desenvolvimento nas relações sociais (MARX, 1996 apud VIGOTSKI, 2021), a teoria histórico-cultural entende que o processo do desenvolvimento das funções psíquicas superiores não ocorre de forma puramente natural e orgânica, como um “produto da biologia ou história filogenética” (PADILHA, 2018, p. 3), mas sim, por meio da lei geral do desenvolvimento cultural, na qual se parte das relações localizadas no plano social (intersíquicas) para o meio psicológico (intrapsíquicas) quando há a internalização e apropriação da cultura (VIGOTSKI, 1995 apud PADILHA, 2018) — as funções psíquicas superiores se encontram fundamentadas nas relações sociais. O mundo interno se desenvolve à luz do mundo externo. A cultura interage diretamente para com a formação do sujeito, e, numa síntese dialética, o meio transforma-o, e ele transforma o meio em



que está. Assim, as relações com o mundo nas conotações emotivas, afetivas ou sensitivas são apropriações da realidade vivida na cultura (PADILHA, 2018).

Barroco (2007) apresenta que a cultura se levanta sobre padrões constantes de um tipo biológico humano que não contempla os corpos com deficiência — desta maneira, a mediação semiótica entre sujeito e mundo, que ocorre por meio de signos, deixa de incluir esta forma extra-normativa de interação para com o contexto — esta “insuficiência física modifica, de uma forma ou de outra, a relação da criança com o mundo e se manifesta na relação com as pessoas” (BARROCO, 2007, p. 209). Aquino (2018, p.1) aponta que “para a teoria histórico-cultural, a deficiência não está na pessoa, mas na sociedade, pois essa não está organizada de forma a acolher a todos”. A forma de apropriação da linguagem nessas crianças com deficiência ocorrerá de maneira distinta, e aqui se abre a problemática a ser estudada sobre seu desenvolvimento, uma vez que o desenvolvimento total das funções psíquicas superiores acontece no domínio da linguagem, que apresenta os signos e seus significados na interpretação do meio. Vigotski (2021) defende que o desenvolvimento da fala na criança pode ser um bom exemplo da fusão dos dois planos de desenvolvimento — o natural e o cultural, uma vez que a criança só fala o que aprendeu em suas relações sociais.

Contudo, a “deficiência” perturba, e isso se deve ao fato de a cultura ser ajustada a uma pessoa normal, típica, e está adaptada à sua constituição (VIGOTSKI, 2021). Neste contexto, o autor traz uma crítica ao método educacional vigente que não destaca a potencialidade do desenvolvimento da criança com deficiência, ao ressaltar:

Na educação tradicional das crianças com defeitos no psiquismo não há um grão de estoicismo. Ele está enfraquecido pelas tendências à piedade e filantropia, envenenado pela peçonha do adoecimento e da fraqueza. Nossa educação é insossa, não atinge o aluno pela vivacidade; é uma educação sem sal. Precisamos de ideias fortalecedoras e corajosas. (VIGOTSKI, 2021, p. 83-84)

A proposta, então, é a de elaborar uma alternativa a este método tradicional, que até o momento, tem se apresentado como não funcional. A educação inclusiva surge como uma maneira de potencializar e encontrar meios alternativos. Vigotski (2021) apresenta a ideia da compensação como um dos fundamentos relacionados ao desenvolvimento extra-normativo, “podemos dizer que o desenvolvimento do caráter infantil se fundamenta no mecanismo da reação compensatória, ou seja, da reação que procura superar as dificuldades que a criança enfrenta” (VIGOTSKI, 2021, p. 129). Uma de suas teses coloca que “algumas funções psíquicas



substituem outras, o que oferece possibilidades novas para o desenvolvimento” (PADILHA, 2018, p. 63) — o que ainda remete ao pressuposto da ‘plasticidade neural’, que é a postulação de que o cérebro não é um “sistema rígido de funções fixas e imutáveis, mas um sistema aberto, de grandes plasticidade cuja estrutura e modos de funcionamento são moldados ao longo da história da espécie e do desenvolvimento individual” (OLIVEIRA, 1993, p. 24).

O destaque que se dá a partir desta ideia é a da adaptação e potencial do desenvolvimento da criança com deficiência, quando colocada num ambiente que lhe forneça a mediação necessária para que o domínio da linguagem e o desenvolvimento das funções psíquicas superiores ocorra de forma efetiva, favorecendo a independência e autonomia.

Nosso ideal não é cobrir a ferida com algodão e protegê-la de todas as formas, mas abrir-lhe um amplo caminho para a supercompensação e superação do defeito. Para isso, precisamos dominar a direção social desses processos. (VIGOTSKI, 2021, p. 84)

Esta proposição também vem como uma crítica ao processo de institucionalização, como também ao ensino “paralelo”, em escolas separadas — esta criação de limites foi a que, por tanto tempo, serviu como barreira para que o desenvolvimento destas crianças atingisse o seu potencial.

CONCLUSÕES

Entende-se que a presença de alunos com deficiência na escola regular é essencial para a ampliação de seu repertório verbal e assimilação das relações sintetizadas na linguagem, pois ainda que, em nossa sociedade, as limitações orgânicas dificultem a plena apropriação da linguagem, elas não impedem que esta ocorra. Nesse sentido, a educação inclusiva se apresenta como um importante meio de potencializar o desenvolvimento da pessoa com deficiência, fortalecendo a autonomia e autoestima, retirando o foco da deficiência e valorizando suas habilidades e potencialidades — este contexto, enriquecido de estímulos e da apresentação recorrente dos signos, decai no segundo princípio levantado por Vigotski a respeito do desenvolvimento da criança com deficiência: a necessidade do encontro de caminhos alternativos e paralelos para que se consolidam as funções psíquicas superiores, com novas possibilidades do desenvolvimento.

Palavras-chave: Desenvolvimento. Educação. Linguagem. Pessoa com deficiência.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, A. B. **Contribuições do uso da comunicação alternativa para crianças com deficiência intelectual na educação infantil.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa de Pós-graduação em Educação. Pernambuco, p. 115. 2018.

BARROCO, S. M. S. **A educação especial do novo homem soviético e a psicologia de L.S. Vigotski: implicações e contribuições para a psicologia e a educação atuais.** Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, São Paulo, p. 414. 2007.

BEZERRA, G. F; ARAÚJO, D. A. C. Falar é preciso: algumas reflexões sobre o desenvolvimento cognitivo da linguagem em crianças com deficiência intelectual. **Interfaces da Educ.** Paranaíba, v. 1 n. 2. p. 44-54. 2010.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento-um processo sócio-histórico.** 1 ed. São Paulo: Scipione. 1993.

PADILHA, A. M. L. Alunos com deficiência intelectual: reflexões sobre o conceito de desenvolvimento das funções psíquicas superiores e o papel da educação escolar na perspectiva histórico-cultural da escola de Lev Vigotski. **Horizontes**, v. 36, n. 3, p. 62-73, set./dez. 2018

STETSENKO, A; SELAU, B. A abordagem de Vygotsky em relação à deficiência no contexto dos debates e desafios contemporâneos: Mapeando os próximos passos. **Educação**, v. 41, n. 3, p. 315-324, set., dez. 2018

VIGOTSKI, L. S. **Problemas da defectologia v. 1.** São Paulo: Expressão Popular, 2021.

VYGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas.** Tomo III. Madrid: Visor, 1995.